

Fragmentos sobre Ideologia

VASCO DE MAGALHÃES-VILHENA

Lisboa: Grupo de Estudos Marxistas, 2015, 157 p.

Paulo Fernando Rocha Antunes¹

Vasco de Magalhães-Vilhena, filósofo marxista português, nasceu em 1916 e faleceu em 1993. A sua formação académica iniciou-se em Coimbra, entre 1942-45, participando antes como colaborador de uma das revistas portuguesas progressistas mais antigas – *Seara Nova*. Devido à pressão do fascismo português, exilou-se em França durante 30 anos. Em França, foi investigador do “Centre National de la Recherche Scientifique” de Paris, entre 1947-67; colaborador do “Centre de Recherches sur la Pensée Antique” (Sorbonne), entre 1946-74; e “Docteur ès Lettres” pela Sorbonne em 1949. Após a conhecida “Revolução dos Cravos”, em 1974, pôde assumir o lugar de Professor Catedrático na Universidade de Lisboa em 1975.

Entre os seus inéditos que se preparam para publicação, foi agora dado à estampa *Fragmentos sobre Ideologia*. A organização e edição destes ficaram à responsabilidade de João Vasco Fagundes que se deparou com a etapa da tradução, uma vez que Magalhães-Vilhena tem parte substancial dos seus escritos em francês, onde se encontravam estes *Fragmentos*. Entre tantas coisas, até o próprio nome da obra ficou à sua responsabilidade.

Esta obra não se apresenta como um texto construído de forma sistemática, trata-se antes de um conjunto de textos, de variadas dimensões, que partilhavam a mesma problemática. Mas, na verdade, tudo levaria a crer que os *Fragmentos* agora reunidos estivessem a ser

¹Doutorando em Filosofia Contemporânea na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
E-mail: pauloantunes@campus.ul.pt

preparados para uma publicação. Magalhães-Vilhena estaria, assim, a preparar durante a década de 60 uma obra sobre *ideologia*. Nestes *Fragments* podem ser encontradas as suas considerações, pessoalmente refletidas e criticadas, no encalce de Marx, Engels e Lénine.

O autor procurava desmistificar a ideia de que a “ideologia” para Marx e Engels teria apenas um sentido pejorativo, a saber, como “falsa consciência”, tal como aparecia essencialmente tratada em *Die deutsche Ideologie* (1845-46) de ambos. O autor referia que não se poderia compreender esta obra sem se atentar ao contexto da crítica que ela apontava, isto é, de que tal crítica procurava a demarcação em relação àquilo que era a *ideologia-idealista* dos “jovens hegelianos”, isso, sim, o verdadeiro carácter pejorativo de *ideologia*. O autor português aproveita para criticar também a perspectiva de Mannheim, ainda em voga à época. Por outro lado, o carácter não pejorativo da *ideologia* encontrava-se na própria visão de mundo materialista e dialéctica de que Marx e Engels procuravam (con)firmar.

Magalhães-Vilhena passou grande parte dos seus *fragments* a explicar a relação entre “ideologia” e “ciência”. Vale a pena seguir a sua explicação. Para o autor não existe uma “ciência de classe”, mas tal não significa que se ignore uma relação entre as classes e a ciência, nem tão-pouco a função social da ciência. Deve-se, antes, procurar o nexó real entre a sociedade e a ciência.

Para uma melhor compreensão do que a *ideologia* significava, Magalhães-Vilhena recomendava ainda o regresso às fontes anteriores a Marx, por exemplo, Destutt de Tracy, Galluppi e Rosmini, não para avançar algum decalque, mas para se procurar perceber de onde Marx e Engels partiram para transformar em algo novo tal concetualização.

O autor avançava que os revolucionários alemães realçaram o facto de a marca distintiva da *ideologia* ser o seu carácter de classe. Uma vez que era a prática social total que gerava, dialeticamente, a ideologia. A ideologia constituía uma forma da experiência social, o conjunto das formas da consciência social, que se

erguia a partir de uma base social, e daí resultavam ideias, opiniões etc. O que lhe é próprio seria mesmo a sua marca de classe.

Na esteira marxista poderá ser afirmado que, para uma melhor compreensão do que trata a *ideologia*, não apenas valerão os clássicos, como valem certamente os *Fragmentos* de Magalhães-Vilhena.

Estes serão dignos de constar entre as mais *atuais* reflexões sobre o tema, capaz de esclarecer alguns equívocos posteriores à sua escrita ou de ajudar a compreender algumas, lembram-se por exemplo: Althusser, *Appareil idéologique d'État* (1970); Mészáros, *Philosophy, Ideology and Social Science: Essays in Negation and Affirmation* (1986) e *The Power of Ideology* (1989); Žižek, *The Sublime object of the Ideology* (1989) e da sua organização *Mapping Ideology* (1994); Eagleton, *Ideology. An Introduction* (1991); e, mais recentemente, Jameson, *Ideologies of Theory* (2008); tamanha é a ambição que se entende poder depositar aos presentes *Fragmentos*.

Em suma, uma das suas mais firmes contribuições pode ser considerada a do tratamento que o autor português deu à chamada *inversão*, tese que salienta de Marx e Engels a propósito de Hegel, como a propósito da própria “ideologia”, e por onde, dizia, grassava tanta “incompreensão”. A “inversão” consiste, por isso, numa das principais pistas teóricas para a compreensão da questão da ideologia como “falsa consciência” e como “visão do mundo”.

Por fim, em que sentido ainda pode, uma obra escrita nos anos 60 do século passado, destacar-se nos dias de hoje? Crê-se que a resposta é dada pelos próprios *Fragmentos*, quando encontramos as tendências caracterizadas e criticadas por Magalhães-Vilhena, ao longo desta obra, tornadas hoje no ar que se respira, numa espécie de senso comum dominante, entranhado nas maneiras de ser e estar de vastas camadas sociais.

